Arte | Educação | Performance
Filosofia | História | Interdisciplinar | Linguística | Literatura

Volume 2026
ISSN 2319-0868

MEMÓRIAS DE MULHERES MUSICISTAS NA MÚSICA NATIVISTA: NARRATIVAS (AUTO)BIOGRÁFICAS DE FORMAÇÃO E DESENVOLVIMENTO

WOMEN MUSICIANS' MEMORIES IN NATIVIST MUSIC: (AUTO)BIOGRAPHICAL NARRATIVES OF FORMATION AND DEVELOPMENT

MEMORIAS DE MUJERES ACTUANTES EN LA MÚSICA NATIVISTA: NARRATIVAS (AUTO)BIOGRÁFICAS DE FORMACIÓN Y DESARROLLO

Luiza Gomes Veloso
Universidade Federal de Santa Maria - UFSM, Santa Maria, RS/Brasil

Cláudia Ribeiro Bellochio
Universidade Federal de Santa Maria - UFSM, Santa Maria, RS/Brasil

Resumo

Este artigo busca analisar os processos de formação, construção de identidade musical e permanência de mulheres musicistas atuantes no cenário da música nativista do Rio Grande do Sul, a partir de narrativas (auto)biográficas. O estudo decorre de pesquisa de entrevistas narrativas realizadas com cinco mulheres musicistas, cujas trajetórias salientam experiências vividas desde a infância nos palcos de festivais nativistas e demais espaços vinculados à música regional. Em uma perspectiva compreensivo-interpretativa, compreende-se a memória como dimensões constitutivas da formação, capazes de atribuir sentido aos percursos artísticos e profissionais ao longo da vida. As análises indicam que essas experiências internalizadas e trazidas na memória, vividas em um contexto competitivo e marcadas por desigualdades de gênero, produzem aprendizagens que extrapolam questões técnico-musicais e incidem sobre a constituição de uma identidade artística, implicando estratégias de resistência e permanência no campo da música nativista.

Palavras-chave: Mulheres musicistas; Festivais nativistas; Experiências formadoras.

Abstract

This article pretends to analyze the processes of formation, construction of musical identity, and permanence of women musicians active in the context of nativist music in the state of Rio Grande do Sul, Brazil, based on (auto)biographical narratives. The study derives from narrative interviews conducted with five women musicians whose trajectories highlight experiences lived since childhood on the stages of nativist festivals and other spaces linked to regional music. From a comprehensive-

VELOSO, Luiza Gomes; BELLOCHIO, Cláudia Ribeiro. MEMÓRIAS DE MULHERES MUSICISTAS NA MÚSICA NATIVISTA: NARRATIVAS (AUTO)BIOGRÁFICAS DE FORMAÇÃO E DESENVOLVIMENTO. **Revista da FUNDARTE**. Montenegro, Volume 2026, Ano 2026. Disponível em: https://seer.fundarte.rs.gov.br

REVISTA DA FUNDARTE

interpretative perspective, memory is understood as a constitutive dimension of formation, capable of attributing meaning to artistic and professional

trajectories throughout life. The research indicate that these experiences, internalized and recalled through memory, lived in a competitive context and marked by gender inequalities, produce learning processes that go beyond technical-musical issues and impact the constitution of an artistic identity, implying strategies of resistance and permanence in the field of nativist music..

Keywords: Women musicians; Nativist festivals; Formative experiences.

Resumen

Este artículo busca analizar los procesos de formación, construcción de la identidad musical y permanencia de mujeres músicas que actúan en el contexto de la música nativista del estado de Rio Grande do Sul, Brasil, a partir de narrativas (auto)biográficas. El estudio se basa en entrevistas narrativas realizadas con cinco mujeres músicas, cuyas trayectorias destacan experiencias vividas desde la infancia en los escenarios de festivales nativistas y en otros espacios vinculados a la música regional. Desde una perspectiva comprensivo-interpretativa, la memoria es entendida como una dimensión constitutiva de la formación, capaz de otorgar sentido a los recorridos artísticos y profesionales a lo largo de la vida. Los análisis indican que estas experiencias, internalizadas y evocadas en la memoria, vividas en un contexto competitivo y atravesadas por desigualdades de género, producen aprendizajes que trascienden las cuestiones técnico-musicales e inciden en la constitución de una identidad artística, implicando estrategias de resistencia y permanencia en el campo de la música nativista.

Palabras clave: Mujeres musicistas; Festivales nativistas; Experiencias formativas.

Introdução

O cenário da música nativista do Rio Grande do Sul constitui um dos mais significativos movimentos da música autoral do estado, marcado pela valorização da identidade regional gaúcha e pela difusão de práticas musicais vinculadas a essa temática, como os festivais. Com a realização da primeira Califórnia da Canção Nativa, em Uruguaiana, em 1971, iniciou-se um movimento que buscava reafirmar, por meio da arte, os elementos da cultura campeira e um sentimento de pertencimento e resistência cultural (SANTI, 1999; MARQUES, 2012). Desde então,

Volume 2026
ISSN 2319-0868

inúmeros festivais, circuitos e projetos artísticos identificados com a música nativista passaram a compor esse cenário dentro e fora do estado, fortalecendo uma estética musical associada à identidade regional.

Na construção da identidade gaúcho-brasileira, historicamente, "há uma referência constante a elementos que evocam um passado glorioso" (Oliven, 1992, p. 50), sobre os quais se forjou a figura de um sujeito representativo, cuja vida é marcada pelo contato com o campo, pela companhia do cavalo e pelas virtudes atribuídas à virilidade, bravura, lealdade e honra. Lisboa Filho (2009) observa que a imagem do peão, do homem rural, é aquela que predomina no imaginário social quando se pensa na figura do gaúcho, tornando-se símbolo da identidade regional.

> Apesar das diferentes facetas do Rio Grande do Sul, a tradição e a historiografia regional tendem a representar seus habitantes por meio de um único tipo social: o cavaleiro, o peão de estância, que se consolida mais no imaginário social do que na vida cotidiana. Esse fato mostra as diferentes vivências do gaúcho e os distintos modos – de vida, de comportamento, de vestuário, de moral, de hábitos – que compõem a identidade do povo ligado a esse estado. (Lisboa Filho, 2009, p.74).

Esse imaginário social, centrado na masculinidade, influenciou diretamente a forma como as mulheres são percebidas nesse universo cultural. Elas, na maior parte das vezes, estão associadas somente ao papel de intérprete, enquanto os espaços de autoria, instrumentação e arranjos permanecem majoritariamente masculinos (Ferreira, 2014; Nogueira, 2019). Green (1997) destaca que as práticas musicais são atravessadas por construções sociais que associam a técnica e a criação ao masculino, enquanto vinculam a mulher à sensibilidade e à interpretação.

Neste sentido, a autorrepresentação feminina, compreendida como prática de si, tem sido discutida como estratégia de enfrentamento a discursos normativos sobre a mulher artista, ao possibilitar a construção de outras formas de visibilidade, pertencimento e legitimação no campo da arte (Lacerda; Macedo, 2023). No contexto da música nativista, essas assimetrias também se refletem nas trajetórias individuais de mulheres que escolhem a música como modo de atuação profissional.

Diante desse cenário, o artigo propõe analisar, a partir das narrativas de mulheres musicistas atuantes no cenário nativista, os modos de construção

Volume 2026
ISSN 2319-0868

identitária e de permanência feminina na música regional gaúcha. A memória é entendida aqui como dimensão constitutiva da formação, na medida em que possibilita atribuir sentido às experiências vividas e reconhecer processos de aprendizagem que extrapolam os espaços formais (Josso, 2004; Larrosa, 1994, 2002; Passeggi, 2020).

A pesquisa, na perspectiva de análise compreensivo-interpretativa (Souza, 2014), reconhece as narrativas como fontes de conhecimento e expressão de processos formativos individuais e coletivos. A partir da articulação entre memória, experiência e identidade, propõe-se compreender como essas mulheres musicistas desenvolvem-se e constroem a sua permanência e afirmação no campo da música regional, ressignificando os seus percursos e ampliando os sentidos de pertencimento cultural e artístico.

Ao trazer e refletir essas narrativas, pretende-se contribuir para os debates acerca da formação da mulher musicista como um processo atravessado por dimensões sociais, culturais e subjetivas. Mais do que trajetórias individuais, essas histórias contam modos de ser musicista, aprender, criar e existir na música, afirmando a presença da mulher como elemento fundamental para a compreensão da música regional gaúcha.

As mulheres da pesquisa

Este artigo emerge das narrativas de trajetórias de mulheres musicistas atuantes no cenário da música regional gaúcha. A proposta da pesquisa (auto)biográfica, “como espaço em que o ser humano se forma, elabora e experimenta sua história de vida” (DELORY-MOMBERGER, 2011, p. 341), foi referência para este trabalho.

Em entrevistas narrativas, as participantes compartilharam as suas experiências formativas vinculadas à música nativista ao longo da vida, bem como os modos pelos quais se constituíram profissionalmente nesse percurso. As suas histórias são constituições de caminhos singulares, com aspectos em comum no que diz respeito às primeiras experiências musicais - muitas delas em palcos voltados às

Volume 2026
ISSN 2319-0868

crianças e adolescentes - e aos desafios enfrentados pelas mulheres nesse contexto.

A escolha das participantes foi pela relevância de suas trajetórias no contexto musical nativista e pela disponibilidade em narrar as suas experiências. Todas atuam como cantoras; algumas identificam-se também como compositoras - nenhuma como instrumentista - e trabalham com a música como *performers*, professoras e educadoras musicais, além de atuarem em áreas afins, como a Fonoaudiologia e a Musicoterapia.

As suas narrativas permitem acessar processos formativos construídos em diferentes espaços e relações. Elas são protagonistas deste estudo e contribuem para a compreensão da formação musical da mulher no contexto da música nativista.

As cinco mulheres que integram a pesquisa autorizaram o uso de seus nomes reais, da forma que as identificam, na produção do trabalho. São elas: Lú Schiavo, Maria Alice, Patrícia Pedrozo, Priscila Olave e Su Paz. Embora apresentem percursos de vida e formação distintos, as suas trajetórias convergem no que se refere à vivência, desde a infância, em um ambiente musical predominantemente masculino e às estratégias construídas para permanecer e afirmarem-se nesse espaço.

Lú Schiavo, nascida em 1989, é cantora, fonoaudióloga e educadora musical, com ênfase no canto. Natural de Porto Alegre, teve as suas primeiras experiências musicais em apresentações em rodeios artísticos, acompanhada do pai, violonista, e do irmão, também cantor. Com uma atuação consolidada no cenário nativista, recebeu troféus de Melhor Intérprete de diversos festivais do Rio Grande do Sul, o que articula a sua prática artística com a formação em voz cantada.

Maria Alice, nascida em 2005, é cantora e atua no cenário da música regional gaúcha, tendo iniciado a sua relação com a música ainda criança, em um contexto familiar musicalmente estimulante. Natural de Santana do Livramento, atualmente, reside em Porto Alegre, onde cursa fonoaudiologia. Sua trajetória inclui participação recorrente em festivais e projetos vinculados à música nativista, destacando-se, mais recentemente, pelo lançamento do álbum *Doble Chapa*, que marca um momento de consolidação de sua atuação artística.

Volume 2026
ISSN 2319-0868

Patrícia Pedrozo, nascida em 1996, atua como cantora, compositora, musicoterapeuta e preparadora vocal. Natural de Alegrete e residente em Dom Pedrito, aproximou-se da música na infância, em atividades culturais ligadas aos CTGs[1] e à escola. Na parte autoral, ganhou visibilidade em 2019 com a apresentação da composição *Interiores*, em parceria com Moacir D'Ávila e Fábio Mota, no *11º Canto Farroupilha*, apresentação que foi marcada pela presença de um grupo formado exclusivamente por mulheres como cantoras e instrumentistas.

Priscila Olave, nascida em 1991, é licenciada em música e cantora. Atua em escolas e em grupos musicais vinculados às invernadas artísticas. Natural de Candiota e residente em Pelotas, iniciou a sua trajetória musical quando criança, motivada pelo desejo de concorrer aos concursos de prenda em CTGs. É bicampeã do Encontro de Artes e Tradições Gaúchas, considerado o maior festival de arte amadora da América Latina. A sua atuação articula a prática artística com o campo da educação musical, especialmente por meio do trabalho com musicalização infantil, o que evidencia a relação entre formação pedagógica e experiência musical.

Su Paz, nascida em 1991, é cantora e compositora, tendo iniciado o seu percurso musical na adolescência, quando começou a participar de festivais realizados em sua cidade natal, Sapucaia do Sul. Ao longo de sua trajetória, firma-se também como compositora de letras e melodias, com classificação em diversos festivais do circuito. O lançamento de seu álbum *Florescida Raiz*, reafirma essa posição e amplia as dimensões de sua produção musical.

Ao reunir essas trajetórias marcadas por experiências de mulheres na música nativista gaúcha, a pesquisa busca evidenciar como, a partir de experiências diversas, as participantes constroem sentidos para a sua formação musical e para a sua atuação enquanto musicistas profissionais. As narrativas dessas mulheres constituem, assim, o eixo central das análises desenvolvidas nas seções seguintes, nas quais memória, identidade e experiência são articuladas para compreender os processos de resistência e permanência da mulher na música nativista.

[1] Centro de Tradições Gaúchas.

Volume 2026
ISSN 2319-0868

Formação e memória: cenários de vidas entrevistadas

Compreender a formação da mulher musicista a partir de suas narrativas implica reconhecer a memória e a experiência como dimensões essenciais dos processos formativos. Para além dos aspectos institucionais e técnicos, este estudo parte do entendimento de que aprender - e formar-se - constitui um processo contínuo, atravessado por questões pessoais, culturais, sociais, artísticas e profissionais, construídas ao longo da vida, que se tornam cenários da existência e resistência das mulheres na música nativista gaúcha.

A memória, nesse contexto, mais do que a simples evocação de fatos passados, atua como um movimento de atribuição de sentido às experiências vividas (Bosi, 1994). Ao narrarem as suas trajetórias, as musicistas revisitam acontecimentos, encontros e escolhas que marcaram os seus percursos. Josso (2004) aponta que as narrativas de vida possibilitam compreender a formação como um processo em permanente construção, no qual os sujeitos reconhecem e integram aprendizagens que emergem das experiências e das relações estabelecidas ao longo do tempo.

É nesse processo que se insere o conceito de experiência formadora, proposto por Josso (2004), entendido como uma aprendizagem que articula saberes práticos e conhecimentos, funcionalidade, significação e técnicas em um determinado tempo-espaço. Nem toda vivência, portanto, constitui-se como experiência formadora, mas apenas aquela que passa por um trabalho reflexivo sobre o que foi observado, percebido e sentido. Esse movimento reflexivo permite transformar acontecimentos em aprendizagens significativas, capazes de produzir deslocamentos, tomadas de consciência e processos de construção identitária.

Larrosa (2002) contribui para essa discussão ao afirmar que a experiência diz respeito àquilo que nos acontece e nos transforma. No campo da música, a experiência formativa extrapola dimensões técnicas e envolve afetos, escutas, exposições, silêncios, reconhecimentos e frustrações. Assim, as experiências musicais vividas pelas participantes - nos palcos ou nos bastidores - configuram acontecimentos que deixam marcas e influenciam a construção de suas identidades enquanto musicistas.

Volume 2026
ISSN 2319-0868

Ao organizar experiências em forma narrativa, essa abordagem permite olhar para processos formativos e de aprendizagens construídas ao longo das trajetórias, tendo a narrativa como elemento central na compreensão do despertar e da formação musical (Falcão Neto; Albuquerque, 2020). No caso das mulheres musicistas desta pesquisa, essas narrativas evidenciam processos formativos atravessados por desigualdades de gênero em um determinado contexto musical, nos quais a permanência na música exigiu estratégias de adaptação, resistência e reinvenção.

Nessa perspectiva, a formação musical é compreendida como um processo que se constrói na intersecção entre experiências individuais e contexto sociocultural. Os relatos das participantes destacam que aprender música e consolidar-se enquanto musicista envolve negociar espaços, afirmar lugares e lidar com expectativas diversas. Memória e experiência, assim, não apenas narram o passado, mas contribuem para a compreensão das condições presentes de atuação e para a projeção de futuros possíveis na cena musical.

Ao tomar a memória e a experiência como fundamentos da formação, este artigo reconhece as trajetórias das mulheres participantes como espaços legítimos de produção de conhecimento. As narrativas articulam saberes artísticos, culturais e identitários em processos formativos e constituem a base para as discussões desenvolvidas nas seções seguintes.

Experiências formativas e a construção de uma identidade artística no nativismo

A análise das entrevistas evidencia que as trajetórias musicais das participantes foram marcadas por experiências que, ao serem revisitadas e refletidas, assumem caráter formador. Memória e experiência entrelaçam-se nas narrativas e permitem interpretar a formação artística como um processo que acontece ao longo do tempo. As primeiras vivências musicais relatadas estão fortemente associadas aos primeiros palcos - vividos desde a infância -, à presença familiar e ao contato precoce com os festivais, entendidos como espaços de aprendizagem e de constituição de sentidos sobre o fazer musical.

Volume 2026
ISSN 2319-0868

Ao rememorar o início de sua trajetória, Maria atribui sentido formador à sua primeira experiência cantando fora de sua cidade natal e define-o como um marco importante em sua relação com a música: “Eu comecei a cantar com 4 anos, mas ingressei no mundo dos festivais aos 5. Lembro o quanto foi impactante a minha experiência na Coxilha Piá, que foi o primeiro festival que eu fui fora da minha cidade [...] ali era o começo de tudo” (Maria, EN[2], p. 1).

Essa lembrança, transformada em referência ao longo do percurso, exemplifica como determinadas vivências assumem centralidade na formação artística e passam a orientar modos de reconhecer-se como musicista. Momentos como esse podem ser compreendidos como recordações-referência (Josso, 2004), por permanecerem como marcos simbólicos que organizam e dão sentido às trajetórias.

Os festivais, nesse contexto, não se configuram apenas como espaços de apresentação artística, mas como espaços de aprendizagem no campo da música nativista. Ao participarem desses eventos desde a infância, as musicistas são inseridas precocemente em um sistema de avaliação que envolve critérios musicais, estéticos, performances vocais, repertórios e modos de colocarem-se em cena. Essas experiências produzem aprendizagens além do fazer musical, incidindo sobre a forma como as participantes passam a compreender o próprio fazer artístico e seus lugares nesse cenário.

A fala de Lu destaca esse processo de aprendizagem ao longo do tempo de palco:

> A minha trajetória toda, em relação à parte expressiva, a não ter medo do palco, como me movimentar no palco, como me expressar, como usar o meu corpo todo para cantar e não só a minha voz. [...] A gente não é só a voz, a gente é o corpo inteiro, o rosto, o corpo canta junto. E tudo isso eu fui construindo ao longo de todos esses anos em cima do palco [do festival], testando, errando, aprendendo. (Lu, EN, p. 10).

Além da dimensão expressiva, a competição aparece como um elemento central na experiência formativa vivida nos festivais nativistas. Classificações,

[2] Entrevista Narrativa

premiações e convites para novas participações passam a orientar expectativas, percursos e modos de perceber-se enquanto artista, inserindo as participantes, desde cedo, em situações de exposição pública e julgamento. As narrativas sugerem que essas dinâmicas contribuem para a consolidação de percursos musicais, mas também produzem tensões, frustrações e desafios formativos, especialmente quando vivenciados na infância e adolescência. Neste sentido, os festivais configuram-se como espaços ambíguos: ao mesmo tempo em que possibilitam pertencimento e continuidade, exigem aprender a ganhar e perder, assim como a priorizar um trabalho feito com sentimento.

Essa ambiguidade é destacada por Su, ao refletir sobre a experiência competitiva nos festivais:

> O primeiro ponto é ser uma competição. Tu tá ali formando a tua personalidade, teu intelecto, sendo criança, adolescente, e já assumindo a responsabilidade de encarar pessoas e estar concorrendo contra colegas, amigos. […] É realmente um laboratório que acontece nesse sentido também. De ser humilde, de saber que às vezes tu ganha, às vezes tu perde, mas que tu não pode desistir. […] Depois que tu entende que tu pisa no palco porque tu gosta, porque tu ama, tu consegue ficar satisfeito com o teu trabalho e não com alguma premiação, porque realmente vai ser uma consequência." (Su, EN, p. 7).

Esses processos também reverberam na transição para a vida adulta. O reconhecimento de si como artista acontece de forma gradual e é atravessado por escolhas, renúncias e continuidades. Priscila, ao refletir sobre esse percurso, desconstrói a ideia de vocação como um dom dado previamente e afirma que "foi através do processo [de decidir ser cantora] que eu me apaixonei [pela música]" (Priscila, EN, p. 6). A relação com a música, neste sentido, intensifica-se na prática e na permanência nos espaços musicais, evidenciando a formação artística como um processo vivido.

No contexto do nativismo, a construção desses percursos mostra-se atravessada por limites e tensões. Ao comentar a permanência das mulheres nos palcos, Su reflete sobre as desigualdades presentes na transição da infância para a atuação como profissional: "Quando [o festival] é [para] criança e adolescente nós temos muitas gurias, como intérpretes. E depois para onde é que vão essas gurias?

Volume 2026
ISSN 2319-0868

Porque os que continuam para o profissional geralmente são os meninos." (Su, EN, p. 11).

As narrativas indicam, assim, que as experiências não se desenvolvem em um campo neutro. Ao contrário, evidenciam um contexto marcado por assimetrias de gênero, em que, se tornar musicista, implica lidar com expectativas - próprias e alheias -, invisibilizações e limites simbólicos.

Ao longo das narrativas, observa-se que as experiências formativas vividas pelas participantes não se restringem a momentos pontuais ou ao domínio técnico da música, mas incidem sobre modos de ser, de reconhecer-se e de posicionar-se no mundo. Ao refletir sobre a sua trajetória, Luciana sintetiza essa centralidade da música em sua vida ao afirmar que "devo muito da mulher que sou, à música" (Luciana, EN, p. 11).

É a partir dessas experiências vividas, narradas e tensionadas que emergem os desafios relacionados à permanência das mulheres no cenário da música nativista, temática aprofundada na seção seguinte.

Resistências e permanências

As trajetórias das mulheres musicistas analisadas neste estudo indicam que a permanência na música nativista nem sempre é garantida ou ocorre espontaneamente, mas é construída a partir de estratégias cotidianas - e, por vezes, silenciosas -, de resistência diante das desigualdades em um campo musical historicamente dominado pelo masculino. As experiências narradas evidenciam que, embora a inserção inicial na música seja relativamente comum e aceita na infância e adolescência, a continuidade da atuação das mulheres na vida adulta encontra barreiras simbólicas, estruturais e culturais que tornam a permanência um exercício constante de resistência.

As participantes apontam que a diminuição da presença da mulher ao longo do tempo não está relacionada à falta de interesse ou formação, mas a um conjunto de expectativas e restrições que incidem de maneira desigual sobre homens e mulheres. Esses limites expressam-se tanto na organização dos espaços musicais quanto nas representações socialmente construídas sobre quem pode permanecer e

ocupar determinados lugares no cenário nativista, tornando as trajetórias das mulheres mais suscetíveis a interrupções. A narrativa de Su explicita essas desigualdades nas condições concretas de trabalho:

> Passar num festival não é uma coisa normal. Falar de assuntos femininos não é uma coisa normal. Então, acho que começa desde a composição o nosso desafio. […] conviver com os homens nesses festivais é bem desafiador também, porque a gente se dispõe até de estruturas que são feitas para uma convivência masculina. […] às vezes, não tem um camarim, não tem um banheiro com espelho. […] Então, as mulheres que estão nesse meio é porque gostam muito e porque são muito resistentes. (Su, EN, p. 9).

Permanecer na música nativista, diante desse cenário, implica construir estratégias que extrapolam o domínio artístico. As narrativas apontam que as mulheres desenvolvem modos de resistência que envolvem a ampliação de suas atuações como musicistas, a busca por formação complementar e a diversificação dos espaços de trabalho. A docência, áreas afins como a Fonoaudiologia e a Musicoterapia, assim como a atuação na composição, aparecem como caminhos que possibilitam a continuidade dos percursos musicais e a afirmação profissional no campo da música regional.

Nesse contexto, a permanência no nativismo também se constrói a partir de processos de reconhecimento e legitimação, conquistados de forma gradual. Lú Schiavo, ao refletir sobre a sua trajetória, explicita que permanecer nesse cenário exigiu um esforço significativamente maior das mulheres, ao mesmo tempo em que aponta transformações recentes nos espaços de decisão e visibilidade:

> Ah, significa ter que batalhar o triplo [risos]. [...] Aos pouquinhos as pessoas estão valorizando o trabalho que a gente faz. Acho que as organizações de festival estão cada vez mais preocupadas em incluir as mulheres, inclusive nos júris. [...] Até pouco tempo atrás era só homem. E ninguém questionava[…] Mas, com certeza, a batalha foi e é maior pra nós. A gente precisa se afirmar muito mais do que os homens nesse cenário. (Lú, EN, p. 14).

A fala de Lú destaca que resistir e permanecer no nativismo envolve não apenas manter-se em atividade artística, mas disputar reconhecimento, legitimidade

REVISTA DA FUNDARTE

Volume 2026
ISSN 2319-0868

e espaços de decisão, em um movimento lento e ainda desigual, marcado por avanços graduais e pela necessidade constante de afirmação.

A resistência também se manifesta por meio de escolhas conscientes relacionadas à autoria e ao pertencimento simbólico no campo musical. Patrícia destaca o papel dos festivais como espaços que não apenas projetam intérpretes, mas instigam processos de criação e reconhecimento de si como parte da história da música nativista:

> Os festivais realmente abriram muitas portas… a ponto de compor, de começar a instigar a gente a pensar: 'vamos parar de cantar as músicas dos outros, vamos tentar compor' […] E aí hoje eu penso 'bah, eu participei desse Festival que eu escutava antes. Eu faço parte dessa história também'. E é impressionante isso." (Patrícia, EN, p. 9).

Ao afirmar-se como compositora e reconhecer-se como parte da história que antes apenas escutava, Patrícia evidencia a permanência como um gesto ativo de pertencimento e autoria, no qual a mulher musicista deixa de ocupar apenas lugares historicamente atribuídos e passa a inscrever-se como produtora de sentidos no nativismo.

As narrativas indicam, assim, que resistir e permanecer na música nativista não se configuram apenas como respostas individuais às desigualdades, mas como processos contínuos de afirmação, negociação e construção de espaços possíveis. Ao ocupar palcos, disputar reconhecimento e afirmar a autoria, essas mulheres produzem deslocamentos simbólicos no campo da música regional gaúcha, ampliando os modos de existir, criar e permanecer nesse cenário cultural.

Considerações finais

As narrativas analisadas ressaltam que as experiências formativas vividas desde a infância - especialmente em palcos, festivais e contextos ligados à música nativista - assumem caráter formador à medida que são rememoradas e refletidas pelas participantes. Esses processos contribuem para a construção de uma identidade artística no nativismo, marcada tanto por pertencimentos quanto por

Volume 2026
ISSN 2319-0868

tensões em um campo historicamente estruturado a partir de referências masculinas.

Ao longo do artigo, evidenciou-se que a permanência das mulheres na música nativista não ocorre de forma linear ou garantida, mas é construída por meio de estratégias de resistência que envolvem a ampliação das atuações profissionais, a afirmação da autoria, a busca por reconhecimento e a ocupação de espaços simbólicos e institucionais. Resistir, nesse contexto, não se configura apenas como enfrentamento direto, mas como insistência cotidiana em permanecer, criar e produzir sentidos no interior desse campo cultural.

As trajetórias das mulheres musicistas analisadas demonstram que, ao permanecerem no nativismo, elas produzem impactos simbólicos que ampliam os modos de existir e atuar na música regional gaúcha. As suas narrativas demonstram que a presença da mulher nos palcos, na composição, na docência e na organização dos eventos contribui para questionar os modos tradicionais de participação e para a construção de outras possibilidades de pertencimento artístico. Questões como maternidade, cuidado e gerenciamento do tempo, que atravessam de modo desigual as trajetórias de mulheres na música, emergem como possibilidades de aprofundamento em pesquisas futuras.

Ao amplificar as narrativas dessas mulheres musicistas, este artigo tensiona os próprios modos de construção da música nativista. As experiências analisadas demonstram que ser musicista nesse contexto é também um processo de tornar-se mulher em um cenário atravessado por referências masculinas. A permanência, portanto, constrói-se por insistência, reinvenção e resistência. Torna-se necessário deslocar o olhar sobre quem ocupa os palcos, os júris, a autoria e os espaços decisórios nesse meio musical. Ao narrar as suas trajetórias, essas mulheres inscrevem as suas vozes na história da música regional gaúcha e afirmam que permanecer é, também, um gesto político de existência, criação e transformação em um ambiente de tradições.

A inserção e a permanência dessas mulheres no nativismo convidam a repensar a própria música regional gaúcha. Seja nos palcos ou nos processos criativos, essa persistência não diz respeito apenas à equidade, mas à transformação das formas de fazer, ensinar e significar essa música. Diante disso,

permanece a indagação que atravessa este estudo: que outra música regional gaúcha pode emergir se essas vozes ocuparem mais espaços?

Referências:

DELORY-MOMBERGER, Christine. Fundamentos epistemológicos da pesquisa: biográfica em educação. **Educação em Revista**, v. 27, n. 1, p. 333 -346, 2011.

FALCÃO NETO, Fernando; ALBUQUERQUE, Luiz. A construção da disposição narrativa em uma pesquisa (auto)biográfica sobre o despertar musical. **Revista da FUNDARTE**, *[S. l.]*, v. 40, n. 40, p. 166–187, 2020. DOI: 10.19179/2319-0868/760. Disponível em: https://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/article/view/760. Acesso em: 05 jan. 2026.

FERREIRA, Clarissa. **Campeirismo musical e os Festivais de música nativista do sul do Brasil:** A (pós)modernidade (re)construindo o "gaúcho de verdade". Dissertação (Mestrado em Música) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2014.

GREEN, Lucy. **Music, gender, education.** Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de Vida e Formação.** São Paulo: Cortez, 2004.

LACERDA, Eva; MACEDO, Silvana. A autorrepresentação como prática de si: desestabilizando discursos normativos sobre a mulher artista. **Revista da FUNDARTE**, *[S. l.]*, v. 57, n. 57, p. e1261, 2023. DOI: 10.19179/rdf.v57i57.1261. Disponível em: https://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/article/view/1261. Acesso em: 05 jan. 2026.

LARROSA, Jorge. Tecnologias do Eu e Educação. In: SILVA, Tomaz. O sujeito da educação: estudos foucaultianos. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

_____. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, p. 20-28, 2002. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 03 jan. 2026.

LISBOA FILHO, Flavi. **Mídia regional:** gauchidade e formato televisual no Galpão Crioulo. 2009. 236 f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Programa de Pós Graduação em Comunicação, Unisinos, São Leopoldo, 2009.

MARQUES, Sabrina. **Festivais Nativistas:** Patrimônio Cultural do Rio Grande do Sul? Trabalho acadêmico (Especialização em Artes Patrimônio Cultural) - Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2012. Disponível em: https://wp.ufpel.edu.br/especializacaoemartesvisuais/files/2013/06/Sabrina-de-Matos-Marques-2012.pdf. Acesso em: 12 dez. 2025.

NOGUEIRA, Isabel. Vozes, sons e herstories: tecendo a pesquisa feminista em música experimental no Brasil. **Revista Debates.** UNIRIO, n. 22, p.53-79, dez., 2019.

OLIVEN, Ruben. **A parte e o todo:** a diversidade cultural no Brasil-Nação. Petrópolis, RG: Vozes, 2006.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Abordagens Narrativas na Pesquisa Educacional Brasileira. **Revista Paradigma** (Edición Cuadragésimo Aniversario: 1980-2020), v. 41, p. 57-79, 2020

SANTI, Álvaro. **Canto Livre?** O Nativismo gaúcho e os poemas da Califórnia da Canção Nativa do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 1999. Disponível em: https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/93345/000233710.pdf?sequence=1. Acesso em 9 dez. 2025.

SOUZA, Eliseu C. Diálogos cruzados sobre pesquisa (auto)biográfica: análise compreensiva-interpretativa e política de sentido. **Revista Educação**. Santa Maria. v. 39, n. 1, p. 39-50. jan./abr. 2014.

Recebido em: 23/02/2026.
Aceito em: 21/06/2026.
Editor responsável: Júlia Maria Hummes.

Luiza Gomes Veloso
Formada em Licenciatura em Música pela Universidade Federal de Santa Maria (2023). Mestranda em Educação pela Universidade Federal de Santa Maria. Graduanda de Psicologia na Universidade Franciscana. Com experiência em Canto Coral, Regência Coral, musicalização infantil na educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental, aulas de música para anos finais do ensino fundamental, ensino médio e magistério. Atualmente, trabalha como professora particular de canto, técnica vocal e violão. Atuou como bolsista do Coro de Câmara e participante voluntária da Oficina de Música Popular Latino-americana da UFSM.
ORCID: https://orcid.org/0009-0007-3443-0796
E-mail: luiza.veloso@acad.ufsm.br

VELOSO, Luiza Gomes; BELLOCHIO, Cláudia Ribeiro. MEMÓRIAS DE MULHERES MUSICISTAS NA MÚSICA NATIVISTA: NARRATIVAS (AUTO)BIOGRÁFICAS DE FORMAÇÃO E DESENVOLVIMENTO. **Revista da FUNDARTE**. Montenegro, Volume 2026, Ano 2026. Disponível em: https://seer.fundarte.rs.gov.br

Volume 2026
ISSN 2319-0868

Cláudia Ribeiro Bellochio
É professora titular da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Possui graduação em Música (1987) e em Pedagogia (1989), mestrado em Educação (1994) pela UFSM e doutorado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2000). É pesquisadora nível 1D do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Atua como membro do GT 24 da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação (ANPEd) e da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação. Integra conselhos editoriais de periódicos nas áreas de Educação e Música, tendo atuado como presidente, editora e membro do Conselho Editorial da Revista da ABEM. Na Associação Brasileira de Educação Musical, exerceu diferentes funções de gestão e atualmente integra o conselho editorial. Coordena o Projeto Museu do Conhecimento – SCIENTHIA (FINEP/UFSM). Possui experiência na área de Educação, com ênfase em Educação Musical, atuando principalmente nos temas formação de professores, estágio supervisionado, pedagogia e canto coral.
ORCID: https://orcid.org/0000-0003-2279-4932
E-mail: claudia.bellochio@ufsm.br

Creative Commons Não Comercial 4.0 Internacional de Revista da FUNDARTE está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional. Baseado no trabalho disponível em https://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte. Podem estar disponíveis autorizações adicionais às concedidas no âmbito desta licença em https://seer.fundarte.rs.gov.br/

VELOSO, Luiza Gomes; BELLOCHIO, Cláudia Ribeiro. MEMÓRIAS DE MULHERES MUSICISTAS NA MÚSICA NATIVISTA: NARRATIVAS (AUTO)BIOGRÁFICAS DE FORMAÇÃO E DESENVOLVIMENTO. **Revista da FUNDARTE**. Montenegro, Volume 2026, Ano 2026. Disponível em: https://seer.fundarte.rs.gov.br